



QUEM SOMOS, ONDE ESTAMOS E O QUE QUEREMOS: diálogos com comunidades campesinas do semiárido mineiro, médio Vale do Jequitinhonha

Kaíque Mesquita Cardoso¹
Fabiano Rosa de Magalhães²
Aneuzimira Caldeira Souza³
Paloma Silva Oliveira⁴

Recebido em: 07/2021
Aprovado em: 09/2021

RESUMO

O Vale do Jequitinhonha possui um histórico de resistência das comunidades tradicionais, com a luta pela superação dos estigmas de vale da pobreza e miséria, os quais foram fatores preponderantes na constituição de uma identidade cultural e regional dos territórios e dos povos originários da região. O Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) está inserido neste contexto com a missão de formar cidadãos por meio da educação profissional, científica e tecnológica, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico. O Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais (NEPRU) funciona como uma extensão da instituição, no levantamento de problemáticas das populações campesinas, e nos estudos de estratégias que as superem. Objetivou-se neste estudo identificar propostas de lutas e anseios das comunidades campesinas no entorno do município de Araçuaí que participaram dos encontros promovidos pelo NEPRU do IFNMG, e caracterizá-las sob o contexto sociopolítico. Utilizou-se a metodologia observação participante. Gravaram-se as falas sistematizadas e submeteram-nas a análise de conteúdo para extração de temas centrais. A representação gráfica por meio do método de nuvem de palavras foi utilizada para a interpretação dos dados. Os assuntos mais discutidos são temas relacionados a “mulheres”, “comunidade”, “campo” e “quilombola”. Os saberes tradicionais transmitidos e acumulados em várias gerações estão associados aos recursos naturais e ao uso da paisagem pelas comunidades, que muitas vezes reconhecem na agroecologia um caminho para a produção de alimentos de forma saudável. As comunidades tradicionais do Vale do Jequitinhonha vivem conflitos pautados na apropriação de territórios, projetos de monocultura do eucalipto e de usinas hidrelétricas.

Palavras-chave: Indígenas. Água. Juventude rural. Educação do Campo.

WHO WE ARE, WHERE WE ARE AND WHAT WE WANT: dialogues with peasant communities in the Semi-arid Mineiro, Middle Vale do Jequitinhonha

¹ Engenheiro Florestal - UESB, Mestre em Ciências Florestais - UNESP/Botucatu e doutorando em Agronomia – UESB, Docente no IFNMG Campus Araçuaí/MG.

² Mestre em Ciências Sociais – PUC/MG, Docente no IFNMG Campus Araçuaí/MG.

³ Mestre em Educação – UFV, Pedagoga no IFNMG Campus Araçuaí/MG.

⁴ Mestre em Ciência Florestal - UESB.



ABSTRACT

The Vale do Jequitinhonha has a history of resistance from traditional communities, with the struggle to overcome the stigmas of the valley of poverty and misery, which were preponderant factors in the constitution of a cultural and regional identity for the territories and peoples of the region. The Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) is inserted in this context with the mission of forming citizens through professional, scientific and technological education, contributing to socioeconomic development. The Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais (NEPRU) works as an extension of the institution, in surveying the problems of peasant populations, and in the studies of strategies that overcome them. The objective of this study was to identify proposals for the struggles and concerns of peasant communities around the municipality of Araçuaí that participated in the meetings promoted by the NEPRU of the IFNMG, and characterize them under the sociopolitical context. The participant observation method was used. Systematized speeches were recorded and submitted to content analysis to extract central themes. The graphical representation through the word cloud method was used for data interpretation. The most discussed subjects are themes related to “women”, “community”, “countryside” and “quilombola”. Traditional knowledge transmitted and accumulated over several generations is associated with natural resources and the use of the landscape by communities, which often recognize agroecology as a way to produce food in a healthy way. The traditional communities of Vale do Jequitinhonha are experiencing conflicts based on the appropriation of territories, eucalyptus monoculture and hydroelectric projects.

Keywords: Indigenous people. Water. Rural youth. Countryside Education.



1. INTRODUÇÃO

A história do Vale do Jequitinhonha é marcada por uma trajetória de lutas e embates em torno da exploração de terra, dos recursos naturais e de sua gente. Gente que resiste bravamente ao longo do tempo desde o processo de colonização⁵. Os indígenas que tinham seus territórios dentro de matas inexploradas sofreram a partir do século XIX uma guerra violenta promovida pela militarização. Mulheres e crianças foram sequestradas e traficadas. Deste modo, a herança identitária possui traço marcante de resistência, muito similar ao restante da porção Semiárida do Nordeste do país (SOARES, 2000; PIMENTA, 2005; GALIZONI *et al.*, 2008; SOARES, 2010.)

Por todo Vale do Jequitinhonha ocorreram intensos processos de expropriação territorial de povos e comunidades tradicionais camponesas, os quais têm demonstrado uma enorme capacidade de resistência (FÁVERO & MONTEIRO, 2014). Neste sentido, o fortalecimento da identidade cultural nessa região é imperioso, e necessário para a formulação de políticas públicas.

De acordo com Ribeiro & Galizoni (2003), a utilização dos espaços de ação comunitária como escolas e sindicatos têm servido para consolidar identidades e valorizar o sentido de pertencimento territorial. O Semiárido brasileiro por muito tempo se desenvolveu por uma política de concentração de terras, capital e recursos naturais mal distribuídos, sendo a educação um privilégio para poucos (BRUNO; LIMA; ARAÚJO, 2019; TORRES, 2020).

Neste sentido, políticas públicas de democratização do ensino mostram como os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia compõem um importante papel no desenvolvimento da região, a partir do aperfeiçoamento local e das potencialidades econômicas (BANDEIRA *et al.*, 2019). Os Institutos foram criados pela lei nº 11.892 / 2008, com o principal objetivo de criação e efetivação de uma nova matriz institucional e revolucionária, classificando-se como “instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi” (BRASIL, 2008; PACHECO, 2015).

O Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG (*Campus Araçuaí*) foi criado em 2010, com o objetivo de oferecer educação técnica e tecnológica e fortalecer a região na qual está inserido, compartilhando competências técnicas

⁵ Conforme aponta Pimenta (2005, p. 62), a condição de exclusão social e econômica da sua população tem raízes no seu processo de colonização e ocupação. “Este remonta as expedições realizadas durante o século XVI, que inauguraram um tempo de guerras, chacinas, escravização dos povos indígenas e destruição de suas matas e riquezas naturais”.

para a execução de projetos educacionais, em sintonia com os arranjos produtivos, culturais, sociais e ambientais de âmbito local e regional.

Infelizmente, os índices educacionais do campo refletem o processo histórico de indiferença das políticas públicas com a educação. Haddad (2012) relata que a educação brasileira continua sendo de baixa qualidade com discrepante desigualdade no nível de escolaridade, concentrando uma maior defasagem na população camponesa. Paradoxalmente, nota-se um grande apego das instituições de ensino às tradições pedagógicas conservadoras, enquanto os movimentos sociais apresentam demandas e propostas de gestão democrática e práticas inovadoras para a educação. Percebe-se uma grande expectativa da população do Vale do Jequitinhonha para que o IFNMG compreenda a sua realidade, dê conta de produzir e disseminar conhecimentos com, sobre e para a região, dada a sua riqueza material, cultural, assim como as suas carências.

Neste sentido, a questão que se coloca é como construir um Projeto Político e Pedagógico de uma instituição de ensino, inserida num contexto regional basicamente rural, com demandas e grandes desafios sociais, políticos e culturais, capaz de romper com o conservadorismo e construir coletivamente uma educação a partir de uma particularidade concreta e com seus sujeitos envolvidos, que se movimentam dentro de uma condição social e econômica sem coibir a dimensão da universalidade.

Dessa forma, o Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais - NEPRU do IFNMG definiu como uma das primeiras ações: conhecer a realidade das comunidades locais, e, com isso, aproximar essa objetividade a dos servidores, estudantes e gestores, na busca de elucidações para “as interrogações, as lutas, demandas e respostas daqueles que estão nas mesmas fronteiras, ainda que em lugares sociais diferentes” (ARROYO, 2004).

O NEPRU foi idealizado com o propósito de aproximar o IFNMG (Araçuaí) das questões que envolvem o campesinato, com foco nas especificidades regionais do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas Gerais. O Núcleo surgiu a partir da percepção da demasiada lacuna existente em termos de produção científica e distanciamento das práticas do Campus com as comunidades campesinas (BRASIL, 2018).

Em observância ao baixo número de estudantes camponeses no *Campus*, foi desenvolvida uma pesquisa em 2016 voltada para a compreensão da juventude rural. Nesta pesquisa verificou-se um número muito pequeno de estudantes que se identificavam com a origem rural (MAGALHÃES, 2017). Neste mesmo ano, o NEPRU realizou o I Encontro de Estudos e Pesquisas Rurais (IFNMG, 2016), baseado na metodologia da observação

participante (ARGILAGA, 1986) e contemplou as temáticas dos direitos territoriais e da educação do campo. A partir de então, o Núcleo considerou oportuna a realização de outros encontros (IFNMG, 2017a).

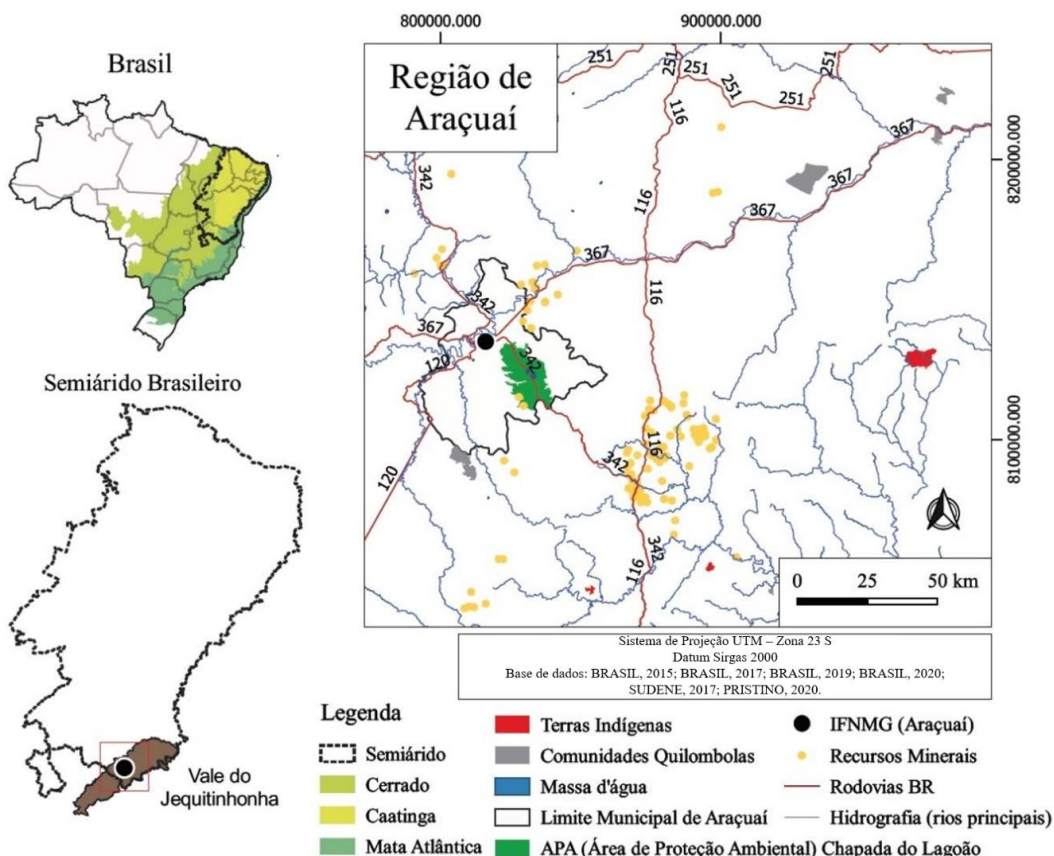
O objetivo deste estudo foi identificar propostas de lutas e anseios das comunidades campesinas no entorno do município de Araçuaí que participaram dos encontros promovidos pelo NEPRU no IFNMG (Araçuaí) e caracterizá-lo sob o contexto sociopolítico regional.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

Os encontros ocorreram no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFNMG (Campus Araçuaí), região do semiárido mineiro, médio Vale do Jequitinhonha, Brasil (Figura 1). O município ocupa uma área de 2.236,275 km², e segundo a SUDENE (2017), Araçuaí está incluída no zoneamento que delimita as cidades pertencentes ao Semiárido brasileiro, que é constituído principalmente pelo único bioma exclusivo do Brasil, a Caatinga, mas que ainda não é suficientemente reconhecido nos meios científicos e políticos (SILVA, 2007).

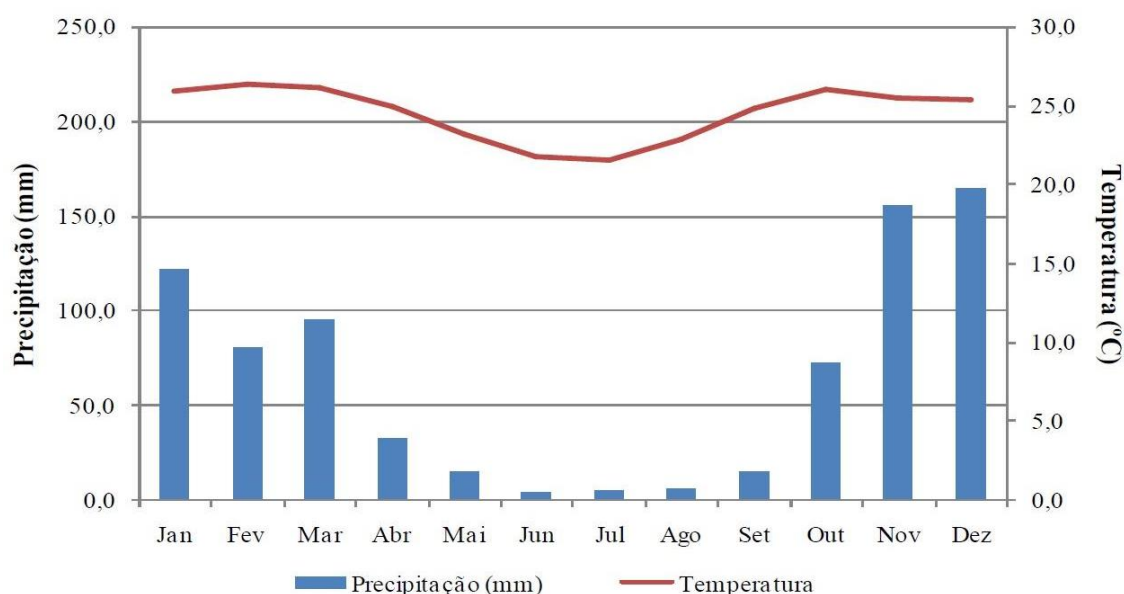
Figura 1 - Localização do IFNMG, Vale do Jequitinhonha, Semiárido Mineiro, Brasil



O município está inserido em uma zona de transição (ecótono), que além da Caatinga, abriga o Cerrado e a Mata Atlântica. Além de uma unidade de conservação da categoria de uso sustentável (Área de Proteção Ambiental – APA), o município possui em seu entorno territórios quilombolas, indígenas e recursos minerais (BRASIL, 2000; OTONI, 2018; MINAS GERAIS, 2019). O Vale do Jequitinhonha é uma mesorregião do Nordeste de Minas Gerais, conformada por 55 municípios, organizados nas microrregiões do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. O território compreende 14% do estado de Minas Gerais e se estende em torno do Rio do mesmo nome, possui extensão territorial de 50 Km² e abriga 950 mil habitantes. O município de Araçuaí está inserido na microrregião do Médio Jequitinhonha (UFMG, 2020).

A precipitação da região atinge média anual de 766 mm. As chuvas são concentradas de novembro a março, com a menor média mensal de 4 mm em junho e maior em dezembro com 164 mm, sendo que a temperatura média mensal varia de 26,4 a 21,6° C (SILVA & FERREIRA, 2011). É notório que a região apresenta um período sazonal bem definido de seca e temperatura elevada durante todo o ano (Figura 2). Logo, a umidade relativa do ar e a evapotranspiração também são diretamente afetadas. A evaporação média mensal em Araçuaí varia de aproximadamente 103 mm no mês de dezembro a 187 mm em setembro (SILVA & FERREIRA, 2011).

Figura 2 - Variáveis climatológicas mensais (precipitação total e temperatura média) na região de Araçuaí



Fonte: SILVA & FERREIRA (2011).

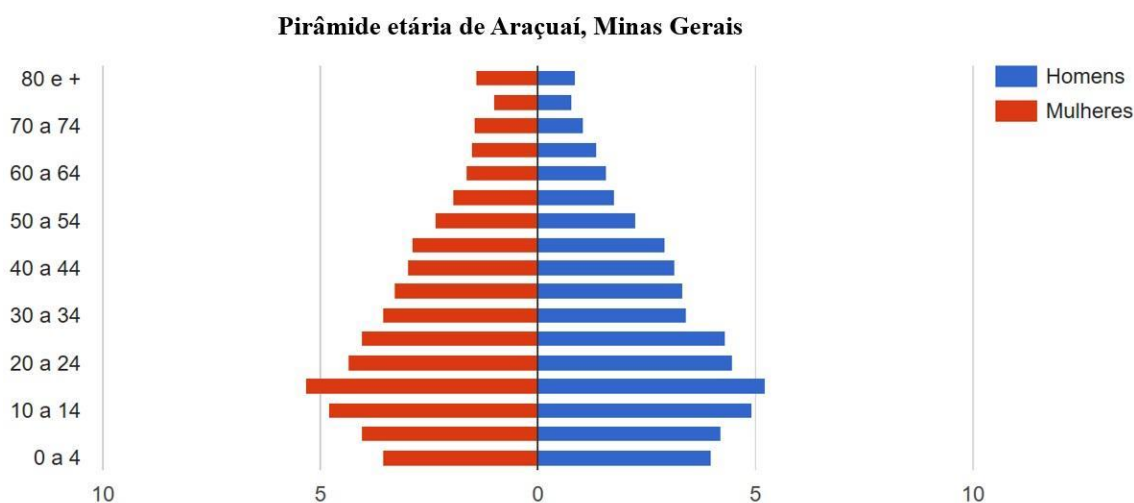
Além do baixo índice pluviométrico e da alta evapotranspiração, a região de Araçuaí possui situação de escassez hídrica superficial. A situação foi identificada pelo Instituto

Mineiro de Gestão das Águas (MINAS GERAIS, 2019). Identificaram-se valores abaixo de 50% da vazão $Q_{7,10}$. As medidas de declaração de escassez na bacia do rio Araçuaí impõem restrição de uso dos volumes outorgados de 20 a 50% de acordo com as especificidades. O município de Araçuaí se localiza próximo à foz do rio Araçuaí com o rio Jequitinhonha e muitas atividades agrícolas de produtores da região se desenvolvem a partir da oferta de suas águas.

O Vale do Jequitinhonha enfrenta graves problemas sociais, os quais estão em sua maioria relacionados com a reduzida produção de bens e serviços, aliado à renda *per capita* muito baixa (IFNMG, 2011). Araçuaí contabiliza uma população estimada em 2019 de 36.708 pessoas, das quais, cerca de 35% compõem a população rural. Possui Índice de Desenvolvimento Humano – IDHM na faixa média (0,633), com maior contribuição da longevidade, seguida da renda e educação. O IDHM de Araçuaí teve uma taxa de crescimento de 96,15%, de 1991 para 2010, com a educação representando o maior fator em termos absolutos, ocupando a 2.828ª posição entre os 5.565 municípios (BRASIL, 2019; PNUD; IPEA; FJP, 2013).

Em 2010, a razão de dependência do município, ou seja, o percentual da população com menos de 15 anos e mais de 65 anos foi de 53,80% (Figura 3). A vulnerabilidade social do município em relação à pobreza e de pessoas com 18 anos ou mais sem ensino fundamental completo ou ocupação informal corresponde a 53% da população (BRASIL, 2019; PNUD; IPEA; FJP, 2013).

Figura 3 - Pirâmide etária de Araçuaí, Semiárido mineiro em 2010. Distribuição por sexo, segundo os grupos de idades



Fonte: PNUD; IPEA; FJP (2013).

A exploração mineral na região é significativa, mas acontece de forma artesanal e informal, sem a preocupação com o meio ambiente e sem agregar qualquer valor à matéria prima (IFNMG, 2011; BRASIL, 2019). Tais formas de exploração estão associadas, frequentemente, a relações precarizadas de trabalho, por vezes também marcadas pela periculosidade, vitimando trabalhadores nas inúmeras escavações em busca de pedras semipreciosas, localizadas ao longo da bacia do Rio Jequitinhonha.

A economia do município está baseada nos seguintes setores: prestação de serviços, atividades industriais (mineração) e agropecuária (cana, feijão, mandioca, milho, banana, manga, coco, bovinos, aves, equinos e caprinos). O setor agrícola contribui pouco para a geração de riquezas devido à baixa capacidade de agregação de valor à produção e aos baixos índices de produtividade.

Ribeiro *et al.* (2014) apontam que no Jequitinhonha as feiras livres respondem por parte importante do abastecimento com produtos locais, que atende entre 16,70% e 44,22% da população total. De acordo com os autores, a indústria doméstica no Jequitinhonha fortalece uma rede de comércio na região que fica de fora dos índices oficiais de economia, como os intermediários, a venda direta ao consumidor e o autoconsumo. Destacam também que entre as famílias de produtores rurais, de 45% e 81% se alimentam do que plantam, ou seja, praticam o autoconsumo. Se fosse definido o preço desses alimentos produzidos e consumidos pela própria família, isso corresponderia a entre 26% e 40% de um salário mínimo mensal.

2.2. AMOSTRAGEM E PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Face à necessidade de uma aproximação dialógica entre os sujeitos do campo e o IFNMG, a equipe do projeto convidou lideranças e representações das comunidades rurais para a participação de uma Roda de Conversa no IFNMG (Araçuaí), pensada como culminância de um processo de conversas e eventos com a comunidade camponesa local (IFNMG, 2017b). O evento foi dividido em dois momentos, com reuniões intituladas como “Roda de Conversa ao pé do Tamboril”, realizadas em agosto e novembro de 2017.

A dinâmica das rodas foi utilizada como forma de se destacar elementos que mereceriam uma análise profunda, já que carregam sentidos simbólicos importantes de unir as pessoas e dar sentido de pertencimento à uma comunidade. Destacam-se a árvore “tamboril”, cujo nome científico é *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong., tem um significado importante para as comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha. Ele traz consigo a imagem

da resistência, assim como o próprio camponês do Vale. A espécie na época da estiagem, enquanto a vegetação perde todas as folhas, o tamboril persiste verde (MAGALHÃES *et al.*, 2018a).

De acordo com Magalhães *et al.* (2018b), as rodas de conversa são ferramentas dialógicas com um significativo processo de aproximação e estabelecimento de compromissos entre os participantes. Tal proposta inspira-se nas discussões sobre educação popular apresentadas por Freire (1988). O autor critica o termo “extensão rural”, tomando-se o termo como indicador de uma relação assimétrica entre os técnicos e os sujeitos do campo. No lugar desta expressão, o autor propõe o termo “comunicação”, como proposta de uma relação dialógica entre os técnicos e camponeses.

Tendo em vista as premissas assim apontadas, buscou-se, na primeira roda de conversa conhecer os sujeitos. Com esse entendimento, a primeira atividade foi a apresentação dos sujeitos utilizando-se um mapa regional, em que os participantes registraram a sua localização, após fazerem uma apresentação e contextualização das suas lutas, das conquistas e desafios (Figura 4). A finalidade foi a de construir com os agricultores e lideranças rurais uma proposta de trabalho em conjunto, unindo objetivos concretos de similaridade.

Figura 4 - Depoimento de Maria Helena Gomes Santos, da Comunidade Quilombola Arraial dos Crioulos



Fonte: IFNMG (2017b).

O primeiro momento teve como proposta responder às questões: “quem somos e onde estamos?” No segundo momento do evento foi proposto para responder à questão “o que queremos?” (Quadro 1).

Quadro 1- Fluxograma metodológico das etapas com descrição das atividades ocorridas durante os encontros com as comunidades campesina no IFNMG (Araçuaí)

Etapas	Descrição da atividade
I	Quem somos e onde estamos?
	Os convidados se direcionaram ao local de fala e indicava no mapa exposto ao ar livre de qual região a comunidade pertencia
II	Ao identificar seu território, os convidados relataram os empecilhos atuais e históricos da comunidade
III	Preparam-se temas norteadores a partir dos relatos do primeiro momento (Etapa II)
IV	O que queremos?
	Os grupos de trabalhos se dividiram e propuseram ações acerca da temática que visava a superação da problemática elencada

Fonte: AUTORES, 2021.

A abordagem metodológica utilizada para as análises é do tipo observação participante ou, nos termos mais aproximados com a área da antropologia, se trata de uma observação etnográfica (MINAYO, 1993). A respeito da observação participante, Haguette (1992) afirma que nas ciências sociais é uma técnica de captação de dados menos estruturada, pois não supõe instrumento específico para direcionar a observação, como uma entrevista. Neste sentido, o processo investigativo em questão, procura a extração de temas do convívio com o grupo, que se explicitam aos poucos, dificilmente percebidos por meio de questionários (MINAYO, 1993).

2.3. COLETA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os áudios das discussões e apresentações das comunidades foram gravados em gravador de voz portátil, transcritos e sistematizados em parágrafos, e as palavras-chave foram coletadas de acordo com tema central da fala de cada liderança ou representação da comunidade rural. Após a extração das palavras-chave, quantificaram-nas, e por meio da análise de frequência simples, construiu-se uma árvore de conceitos de acordo com o método de nuvem de palavras (PRAIS & ROSA, 2017), em que o tamanho das palavras diz respeito a quantidade de vezes que foram proferidas ou referenciadas nas falas durante as etapas das rodas de conversa.

Prais & Rosa, (2017) identificaram que a utilização de mapas conceituais e nuvem de palavras contribuíram para a sistematização e a apropriação de conteúdo. As principais palavras-chave foram discutidas, interpretadas a partir do contexto sócio-político da região

Semiárida, no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais e submetidas a análise de conteúdo (BARDIN, 1979). Aplicaram-se 18 questionários estruturados entre os participantes, que além de abordar a temática do evento, questionou-se sobre o perfil sociodemográfico da família (quantidade de pessoas, sexo, idade, escolaridade e renda) e também sobre os principais anseios das comunidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO (CONVERSAS AO PÉ DO TAMBORIL)

As rodas de conversa revelaram um campo fértil de histórias, demandas e lutas para a sobrevivência dos campesinos na região. As conversas motivaram denúncias e também anúncios de que o IFNMG pode ser utilizado como instrumento, tanto para a população do campo quanto para a urbana, com o objetivo de condicionar a modificação e transformação da realidade complexa do semiárido e do campo.

Estiveram presentes diversos representantes de entidades de agricultores, sindicatos, Escolas Família Agrícola, estudantes e servidores do IFNMG - *Campus Araçuaí* e Salinas. A maioria dos participantes das rodas de conversa trabalham dentro de sua propriedade e são filhos de produtores rurais (78%), com idade entre 15 e 20 anos (33%), os quais relatam o desejo de sair das comunidades em busca de melhores oportunidades de educação e trabalho.

Um percentual de 89% dos trabalhadores rurais vive com renda mensal entre 1 a 3 salários mínimos, com uma relação equilibrada entre os níveis de escolaridade: ensino fundamental completo (29%) e incompleto (29%), ensino médio completo (28%) e ensino superior incompleto (14%). Os baixos níveis de escolaridade, de acordo com Silva *et al.* (2018), não propiciam novos conhecimentos que contribuirão para a autossuficiência dos agricultores. De acordo com Araújo & Bezerra (2010), além da posse de terra, é necessário que as comunidades busquem uma formação para que sejam protagonistas de sua própria vida.

Ao desenvolver a temática da educação do campo, dos conflitos socioambientais e rurais, direitos territoriais, agroecologia e movimentos sociais rurais, o NEPRU concentrou esforços na revitalização do Núcleo de Agroecologia (NEA), uma vez que aspectos sociais e culturais locais foram identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural.

As principais palavras-chave observadas nos discursos foram “mulher”, “comunidade”, “quilombola” e “campo” (Figura 5). A mulher do semiárido é uma personagem central nas famílias de agricultores. De acordo com Souza *et al.* (2020), são as

gestoras do recurso hídrico da família, que muitas vezes são marcadas pela evidente desigualdade de gênero naturalizada no cuidado da casa.

Figura 5 - Árvore de conceitos construída com base na extração de temas dos depoimentos de lideranças e representações das comunidades rurais de Araçuaí, Semiárido mineiro, Vale do Jequitinhonha



Fonte: AUTORES, 2021.

No Norte de Minas Gerais e Vale do Jequitinhonha estão presentes comunidades quilombolas, como o povo Gorutubano, que devido ao contexto microrregional conjuga pelo menos três categorias identitárias: Os Gorutubanos, os Caatingueiros e os Geraizeiros. Segundo Costa Filho (2014), os grupos se definem a partir de unidades socioambientais, como o vale do Gorutuba, a Caatinga e o Gerais. Características geomorfológicas do relevo, fertilidade dos solos e histórico de resistências separam as culturas, que hoje ainda lutam para regularização dos territórios. Na região de Araçuaí, as comunidades negras (outra palavra-chave) presentes são descendentes de africanos, como comunidades de Jacu, Mocó, Mumbuca, Sampé, Tum-Tum, Quilombo e Porto-Cori (SOARES, 2000).

Além dos povos quilombolas, também estão presentes na árvore de conceitos os indígenas. De acordo com Soares (2000), quando os migrantes entram na mata densa do Vale do Jequitinhonha encontram inúmeros povos, como Maxakali, Aranã, Poté, Naknenuk e Pojichá. A visão da população do médio Jequitinhonha sobre os indígenas sofreu mudanças a partir da chegada dos Pankararus, povos oriundos de Pernambuco que migrou devido à



inundação de suas terras pela hidrelétrica de Itaparica (SOARES, 2000). Neste sentido, se observa uma rica ancestralidade indígena, verificado nas expressões culturais, artesanato e memória das comunidades (FÁVERO & MONTEIRO, 2014).

O campesinato na região do Vale do Jequitinhonha possui relação da transição do escravismo para o trabalho livre, como desdobramento da mineração. Para Leite (2015), a reprodução do capital desse campesinato se baseou antes do domínio fundiário, sendo utilizado recurso de violência por parte da personificação do capital e produção direta dos meios de vida pelos que personificavam o trabalho.

As palavras-chave observadas em segundo plano foram “conflitos”, “eucalipto”, “grilagem”, “educação”, “jovem” e “sementes”. Para entender o significado destes termos para a população do Vale do Jequitinhonha carece de acerrar dos aspectos históricos⁶. Como foi relatado no início deste texto, a história do Vale do Jequitinhonha é marcada pela exploração da terra e de seus recursos naturais.

A partir de 1950, no bojo do projeto de integração, desenvolvimento e modernização do Estado de Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha se insere num conjunto de atividades dos moldes do desenvolvimento capitalista. De acordo com Servilha (2012), este período foi apontado por vários autores como a “redescoberta” do Vale do Jequitinhonha, região que teria permanecido “esquecida” e isolada do restante do estado desde a decadência da mineração e, posteriormente, do algodão.

Até os anos 60, nenhuma atividade econômica se destacou no panorama regional. Em 1964 foi criada a Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (CODEVALE), outras medidas são tomadas a fim de promover mudanças estruturais na região, como abertura de estradas de ligação às regiões Norte/Sul do país, como acesso a BR 116 e BR 367, que liga Belo Horizonte a Salto da Divisa, passando por Araçuaí (ANTUNES, 2016). Em meados dos anos 1970, a região passou a sofrer os maiores impactos sentidos na sua paisagem, a cobertura natural do alto e médio Jequitinhonha são retiradas para dar início às imensas áreas contínuas de monocultivo de eucalipto. Do ponto de vista ambiental, tanto a paisagem do Norte de Minas, quanto a do Vale do Jequitinhonha são alteradas. As comunidades tradicionais são duramente atingidas pelos processos de encurralamento, grilagem e problemas ambientais associados ao uso de agrotóxicos e grilagem de terras (MAGALHÃES & AMORIM, 2015).

⁶ A “história” do Vale do Jequitinhonha também se faz presente na árvore de conceitos como tema entre os depoimentos das comunidades (Figura 5).

Similarmente, o que acontecia no Norte de Minas também é relatado no Vale do Jequitinhonha.

De acordo com Lima *et al.* (1990) ao estudarem a dinâmica hidrológica de essências florestais, no Cerrado do Vale do Jequitinhonha, concluem que em florestas de eucalipto a precipitação que efetivamente chega no solo é menor que a vegetação nativa, que é o resultado da perda, devido ao processo de interceptação pelo dossel. Bouillet *et al.* (2002) salienta que o eucalipto possui rápido e extensivo desenvolvimento do sistema radicular após o primeiro ano de plantio, o que colabora para o acesso rápido à água e nutrientes, reduzindo a perda por drenagem profunda (LIMA, 2010).

Dessa forma, o local e o manejo florestal dos monocultivos de eucalipto devem ser levados em consideração no planejamento desses projetos no Vale do Jequitinhonha, pois, os locais de recarga dos recursos hídricos localizados nas chapadas podem ser comprometidos por decorrência da utilização da água pela floresta nos processos fisiológicos. Em um trabalho desenvolvido no Semiárido da Bahia, cerca de 200 Km de Araçuai, Oliveira *et al.* (2020) salientam que os pequenos produtores de eucalipto destinam a maior parte das florestas para a produção e comercialização de carvão, no entanto, não possuem interesse de continuar com as atividades florestais devido ao pouco conhecimento técnico sobre a cultura por parte deles.

Assim, o manejo conservacionista das atividades florestais no Vale do Jequitinhonha deve levar em consideração as plantações em mosaico com diversidade genética e com diferentes idades, os quais não possuirão a mesma exigência nutricional, gerando excedente hídrico para alimentação de nascentes. Andreassian (2004) proporciona uma análise histórica consistente e interessante sobre a controvérsia relacionada aos impactos hidrológicos da floresta e do manejo florestal, desde o início folclórico (e até mesmo romântico) desses debates, quando ainda não havia evidência científica alguma, até a fase atual (LIMA, 2010).

Intensificando os conflitos ambientais e territoriais, os campesinatos sofrem com a diminuição das terras agricultáveis, chamadas “chapadas de uso comum”, obrigando a população a se aglomerar nas cidades ou se isolarem ainda mais. Esse modelo de desenvolvimento projetado pelo Estado para o Vale do Jequitinhonha trouxe grandes dificuldades para sua população.

De acordo com Zhouri (2012), o conflito socioambiental do Vale do Jequitinhonha é marcado por controvérsias sociotécnicas e normativas, ao tratar a água como mercadoria. A hidrelétrica de Irapé (208 m de altura e área de 137,16 km²) atingiu 7 municípios por inundação, cerca de 1.200 famílias em 51 comunidades rurais. Os conflitos de resistência

persistiram por 20 anos desde o seu planejamento em 1980. O conflito ainda persiste sobre a qualidade da água a jusante do empreendimento (Zhourri & Teixeira, 2005).

Ainda sobre conflitos de terra, o atual modelo de desenvolvimento, centrado em uma concepção capitalista, manifesta-se concretamente no mosaico de paisagens “monoculturizadas” do Vale do Jequitinhonha, as plantações florestais e agrícolas (ZHOURI & TEIXEIRA, 2005). Neste sentido, percebe-se porque as palavras “água”, “transgênicos” e “eucalipto” estão presentes na luta e desafios das comunidades tradicionais da região (Figura 6).

Figura 6 – Lago da hidrelétrica e monocultivos de eucalipto dominam a paisagem e encurralam a agricultura camponesa no Alto-Médio Jequitinhonha



Fonte: FÁVERO & MONTEIRO (2014).

Apesar da palavra-chave “água” não estar em destaque na árvore de conceitos, ela está cercada por temas que perpassam desde estratégias de convivência com a seca (como a agroecologia, Escola Família Agrícola – EFA e a Área de Proteção Ambiental - APA), até denúncias dos prováveis fatores que influenciaram a degradação, a citar a grilagem, a expansão da eucaliptocultura.

Segundo Teodoro *et al.* (2009), as EFA’s contribuem para o desenvolvimento e fortalecimento da agricultura familiar no Vale do Jequitinhonha, promovendo melhor organização dos produtores via associativismo, melhorias na produtividade agrícola e agregação de valor aos produtos locais, além de qualificar e profissionalizar os jovens e

agricultores refletindo em melhorias na qualidade de vida e renda das famílias, os quais são fatores que colaborado diretamente para diminuição do êxodo rural no Vale.

Em relação à APA, de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC (BRASIL, 2000):

“[...] é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.”

Caires & Souza (2011), ao realizar o zoneamento da APA Chapada do Lagoão, evidenciam que pode ser considerada como o berçário das águas de Araçuaí e também uma excelente opção de renda para as famílias extrativistas do pequiheiro (*Caryocar brasiliense* Camb.). De acordo com os autores, a conservação desta unidade possui uma importante estratégia de convivência com a seca. Para uma gestão eficiente dessa unidade de conservação recomenda-se a proteção da vegetação natural e o combate ao fogo, bem como a conscientização ecológica das comunidades envolvidas.

É possível observar que existem recursos minerais muito próximo dos limites da APA Chapada do Lagoão (Figura 1), neste sentido, mesmo que, de acordo com SNUC, não é obrigatoriedade a definição de zonas de amortecimento em uma APA, recomenda-se a criação de instrumentos e políticas públicas para evitar que essas zonas sejam exploradas, evitando assim o aumento dos conflitos de territórios na região.

Souza *et al.* (2020) diz que os produtos da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) podem ser utilizados como ferramentas de educação ambiental para os agricultores do Semiárido brasileiro, uma vez que trata de temas sobre a biodiversidade. No entanto, acredita-se que o processo de conscientização ambiental não pode ser estritamente técnico, deve-se levar em consideração a lógica de acumulação do capital e a degradação dos ecossistemas promovidos por ele.

De acordo com Ribeiro e Galizoni (2003), as comunidades do Vale do Jequitinhonha conservam as nascentes na medida do possível, no entanto existem empecilhos na conservação de rios, uma vez que acreditam que a água é poluída por fontes distantes. Fica evidente então a falta de conhecimento sobre a qualidade de recursos hídricos e as fontes de poluição do sistema aquático por parte da comunidade. Sendo necessárias medidas de educação ambiental. Problemática reconhecida pelas comunidades que elencam dentro dos discursos palavras-chave como “educação” e “escolas”.



Durante o primeiro encontro promovido pelo NEPRU no IFNMG (Araçuaí) o depoimento de uma das lideranças, Maria Auxiliadora (Dôra de Piô) explana a importância do “jovem” e da “educação” no contexto político do Vale do Jequitinhonha:

“O jovem é o futuro do nosso país! O jovem é o presente! Sendo descendente de quilombola, negra e pobre, os trabalhos realizados no decorrer do dia eram pagos com um prato de comida. No Vale do Jequitinhonha, vale das viúvas dos maridos vivos, terra dos antigos coronéis, a educação no campo facilita a sobrevivência no espaço rural.”

De acordo com Freire (2005), no processo de dialogicidade, todos são educadores e educandos na crítica do mundo real e nos caminhos para sua transformação. A árvore de conceitos retrata os principais anseios e identidades das comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha. Adotá-la como princípio norteador de discussões dentro do IFNMG (Araçuaí) é promover uma educação problematizadora e reflexiva em busca de uma libertação do conhecimento e superação da contradição educador-educando. Baseia-se na metodologia de temas geradores recomendada pelo autor Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2005).

4. CONCLUSÃO

É preciso pensar, debater e articular coletivamente os desafios e possibilidades, incluindo um olhar crítico, atento para as mudanças e, prioritariamente, para a realidade do Vale do Jequitinhonha.

Os saberes tradicionais transmitidos e acumulados em várias gerações na região estão associados aos recursos naturais e ao uso da paisagem pelas comunidades, que muitas vezes reconhecem na agroecologia um caminho para a produção de alimentos de forma saudável. As comunidades tradicionais do Vale do Jequitinhonha ainda vivem conflitos pautados na apropriação de territórios, projetos de monocultura do eucalipto e de usinas hidrelétricas.

Deste modo, pretende-se a adoção da árvore de conceitos gerada neste estudo dentro dos cursos oferecidos pelo IFNMG, pensando na construção de uma educação libertadora em que todos os atores no processo sejam sujeitos do seu próprio movimento.

REFERÊNCIAS

- ANDREASSIAN, N. Water and forests: from historical controversy to scientific debate. **Journal of Hydrology**, 291, 1- 27, 2004. Disponível em: <https://ui.adsabs.harvard.edu/abs/2004JHyd..291....1A/abstract>
- ANTUNES, C. **Movimentos do Jequitinhonha: corpo e narrativa**. 1ª edição. Gaia Cultural: culturas e meio ambiente. Belo Horizonte, 2015.



ARAÚJO, G. F.; BEZERRA, C. As potencialidades socioeducativas dos assentamentos da reforma agrária. In: *Anais do 7º Congresso Latino Americano de Sociologia Rural*. Porto de Galinhas, 2010.

ARGILAGA, M. T. A. **La investigación cualitativa**. Educar, v. 10, 1986.

ARROYO, M.G.; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BANDEIRA, I. P.; SOUSA, G. M. C.; CAVALCANTI, I. L.; CAVALCANTI, J. L. L.; CAMPOS, Q. A. H. Implicações do Curso Técnico Profissional de Agroindústria na vida profissional de egressos em região do semiárido. In: 12ª semana de ensino, pesquisa e extensão – SCIENTEX – UNIVASF, 25 de nov., 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1979.

BOUILLET, J-P.; LACLAU, J-P.; ARNAUD, M.; M'BOU, A.T.; SAINT-ANDRÉ, L.; JOURDAN, C. Alterações com a idade na distribuição espacial das raízes do clone de Eucalyptus no Congo: impacto na captação de água e nutrientes. **Ecologia e Manejo Florestal**, 171(1), 43-57, 2002. Doi: [https://doi.org/10.1016/S0378-1127\(02\)00460-7](https://doi.org/10.1016/S0378-1127(02)00460-7)

BRASIL. Agência Nacional de Águas. **Mapas interativos, conjuntos de dados geográficos, imagens de satélite e outros serviços**. Disponível em: <https://metadados.ana.gov.br/geonetwork/srv/pt/main.home> Acesso em: 20 abr. 2020

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais**. 2018. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9392829264486952>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. **Mapas**. Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/mapas-multimodais/shapefiles> Acesso em: 20 abr. 2020

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal do ano de 2018**. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/aracuai/pesquisa/14/10193> Acesso em: 10 abr. 2020

BRASIL. Instituto Nacional de Meteorologia. **Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa**. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=bdmep/bdmep>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **TerraBrasilis. Plataforma de dados geográficos**. Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/downloads/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: DOU de 30/12/2008.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília: DOU de 19/07/2000.

BRUNO, E. L. R.; LIMA, J. R. T.; ARAÚJO, A. H. S. Convivência com o semiárido: uma análise sobre os projetos desenvolvidos pela associação programa um milhão de cisternas. **Revista economia política do desenvolvimento**, 10 (23), 59– 84, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/repd/article/view/6446/pdf>



CAIRES, S. M.; SOUZA, D.V. Zoneamento ambiental da APA Chapada do Lagoão – Araçuaí – MG, **Cadernos de Agroecologia**, 6(2), 1-6, 2011. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/11269>

COSTA FILHO, A. Gurutubanos, Caatingueiros e Geraizeiros: identidades rurais e territorialização. **Teoria e Sociedade**, número especial, 251-267, 2014. Disponível em: <http://www.teoriaesociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/119/96>

FÁVERO, C.; MONTEIRO, F. T. Disputas territoriais no Vale do Jequitinhonha: uma leitura pelas transformações nas paisagens. **Agriculturas**, 11(3), 2014. Disponível em: http://aspta.org.br/files/2019/09/Agriculturas_V11N3_1_Jequitinhonha.pdf

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALIZONI, F. M.; LIMA, V.M.P.; SANTOS, I.F.; CHIODI, R. E.; LIMA, A.L.R.; AYRES, E. C. B. Hierarquias de Uso de Águas nas Estratégias de Convívio com o Semi-Árido em Comunidades Rurais do Alto Jequitinhonha, **Revista Econômica do Nordeste**, 39(1), 2008. Disponível em: <https://ren.emnuvens.com.br/ren/article/view/455/360>

HADDAD, S. Direito à Educação. In: Caldart, R.S.; Pereira, I. B.; Alentejano, P.; Frigotto, G (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 215-222, 2012.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992

IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. **História da Cidade de Araçuaí**, 2011. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/programas-ara/47-portal/aracuai/aracuai-institucional/1204-historia-da-cidade-de-aracuai> Acesso em: 10 abr. 2020.

IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. **Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais realiza primeiro encontro em Araçuaí**. 2016. Disponível em: <http://www.ifnmg.edu.br/mais-noticias-portal/216-portal-noticias-2016/14127-nucleo-de-estudos-e-pesquisas-rurais-realiza-primeiro-encontro-em-aracuai>. Acesso em: 14 jul. 2019.

IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. **Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais promove Encontro no Campus Araçuaí**. 2017a. Disponível em: <http://www.ifnmg.edu.br/noticias-ara/noticias-2017/17128-nucleo-de-estudos-e-pesquisas-rurais-promove-encontro-no-campus-aracuai>. Acesso em: 14 jul. 2018.

IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. **Roda de Conversa ao Pé do Tamboril proporciona reflexões sobre a vida no campo**. 2017b. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/noticias-ara/noticias-2017/16490-roda-de-conversa-ao-pe-do-tamboril-proporciona-reflexoes-sobre-a-vida-no-campo>. Acesso em: 14 jul. 2018.

LEITE, A. C. G. **O campesinato no Vale do Jequitinhonha**: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia) – USP, 2015.

LIMA, W. P. **A silvicultura e a água : ciência, dogmas, desafios**. Rio de Janeiro : Instituto BioAtlântica, 2010.

LIMA, W.P.; ZAKIA, M.J.B.; LIBARDI, P.L.; SOUZA FILHO, A.P. Comparative evapotranspiration of eucalyptus, pine and cerrado vegetation measured by the soil water balance method. 1990. **IPEF International**, 1: 5-11. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.497.2648&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 20 abr.2020.



MAGALHÃES, F. R. Juventude rural no IFNMG – *Campus Araçuaí*: desafios e perspectivas dos jovens rurais no contexto da educação. **Revista dos Anais do XII Colóquio do Museu Pedagógico e V Internacional do Museu Pedagógico**. Vitória da Conquista - BA: Museu Pedagógico - UESB, 2017. v.12. p.669 – 674.

MAGALHÃES, F. R.; AMORIM, R. A. O Movimento dos Geraizeiros e a luta pela terra no Alto Rio Pardo. Campinas. **Revista Ruris**, v. 9, n. 2, set. 2015.

MAGALHAES, F. R.; SOUZA, A. C.; SILVA, C. A. P.; CARDOSO, K. M.; ALVES, L. B. T.; VIEIRA, M. C. C. ; JESUS, M. P. As “rodas de conversa”: uma metodologia dialógica. In: **12º Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão da Unimontes**, 2018b, Montes Claros - MG. FEPEG.

MAGALHAES, F. R.; SOUZA, A. C.; SILVA, C. A. P.; CARDOSO, K. M.; ALVES, L. B. T. ; VIEIRA, M. C. C. ; JESUS, M. P. Plantas, mística e alimentos: o que as rodas de conversa nos revelam sobre os aspectos simbólicos das comunidades rurais. In: **12º Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão da Unimontes**, 2018a, Montes Claros - MG. FEPEG.

MINAS GERAIS. Infraestrutura de Dados Espaciais do Sistema Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Dados de 2019**. Disponível em: <<http://idesisema.meioambiente.mg.gov.br>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MINAS GERAIS. Infraestrutura Estadual de Dados Espaciais de Minas Gerais. **Dados**. Disponível em: <<http://iede.fjp.mg.gov.br/Catalogo.html>> Acesso em: 20 abr. 2020.

MINAS GERAIS. Instituto Mineiro de Gestão das Águas. **JQ2 - CBH do Rio Araçuaí**, 2019. Disponível em: < <http://comites.igam.mg.gov.br/comites-estaduais-mg/jq2-cbh-do-rio-aracuai>> Acesso em: 22 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. Hucitec-Abrasco: São Paulo-Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, P. S.; CARDOSO, K. M.; VIANA, A. B. N.; CAIRES, L. S. Produção de florestas em pequenas propriedades rurais. In: Prandel, J. A. (Org.). **Agroecologia**: Caminho de preservação do Meio Ambiente 2. Ponta Grossa, PR: Atena, p. 153-169, 2020.

OTONI, T. C. O. **Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais do município de Araçuaí, Minas Gerais**. Diamantina, Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - UFVJM, 2018.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos Institutos Federais: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora**. Natal: IFRN, 2015.

PIMENTA, S. D. **Trajetórias na Terra: sociabilidades, gênero e identidades coletivas no Projeto de Reforma Agrária Aliança**. Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado em psicologia) – UFMG, 2005.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/aracuai_mg>. Acesso em: 14 abr. 2020

PRAIS, J. L. S.; ROSA, V. F. Nuvem de palavras e mapa conceitual: estratégias e recursos tecnológicos na prática pedagógica, **Nuances: estudos sobre Educação**, 28(1), 201-219, 2017. Doi: 10.14572/nuances.v28i1.4833

RIBEIRO, E. M.; AYRES, E. B.; GALIZONI, F.M.; ALMEIDA, A. F.; PEREIRA, V. G. Programas sociais, mudanças e condições de vida na agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha Mineiro, **Rev. Econ. Sociol. Rural**, 52(2), 365-385, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000200009>



RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Água, população rural e políticas de gestão: o caso do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. **Ambiente & Sociedade**, 5(2), 129-146, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/v5n2/a08v5n2.pdf>

SERVILHA, M. M. **O Vale do Jequitinhonha entre a divisão pela pobreza e sua significação pela identificação regional**. Tese (Doutorado em Geografia) - UFF, 2012.

SILVA, C. A. P.; GADIOLI, L. B. T.; MAGALHÃES, F. R.; CARDOSO, K. M.; SOUZA, A. C. Caracterização socioeconômica dos agricultores de comunidades rurais do médio Vale do Jequitinhonha: abordagem por meio de uma Roda de Conversa. In: **12º Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão da Unimontes**, 2018, Montes Claros - MG. FEPEG.

SILVA, M. M.; FERREIRA, V. O. Análise comparativa do clima de Araçuaí, Pedra Azul e Itamarandiba, na porção mineira da bacia do rio Jequitinhonha. **Caderno de Geografia**, 1(35), 56 – 73, 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/2101>

SILVA, R. M. Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido: políticas públicas e transição paradigmática. **Revista Econômica do Nordeste**, 38(3), 466 – 485, 2007. Disponível em: <https://ren.emnuvens.com.br/ren/article/view/539/427>

SOARES, G. C. **Na trilha guerreira dos Borun**. Belo Horizonte: Núcleo de Publicação do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, 2010.

SOARES, G. C. Vale do Jequitinhonha: um Vale de muitas culturas. **Cad. hist.**, 5(6), 17-22, 2000. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1701/1827>

SOUZA, D. A.; CARDOSO, K. M.; OLIVEIRA, P. S.; BERNARDINO, D. C. S.; CAIRES, L. S. Caracterização de produtos da comunicação popular da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) no processo de educação ambiental. In: Prandel, J. A. (Org.). **Agroecologia: Caminho de Preservação do Meio Ambiente 2**. Ponta Grossa, PR: Atena, p. 32-40, 2020.

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. **Nova Delimitação Semiárido**, 2017a. Disponível em: < <http://antigo.sudene.gov.br/delimitacao-do-semiarido> > Acesso em: 09 set. 2021.

TEODORO, B. R.; QUARESMA, M. L.; TAVARES, W. S. A Escola Família Agrícola Como Agente do Desenvolvimento e Fortalecimento da Agricultura Familiar na Região do Vale do Jequitinhonha. **Cadernos de Agroecologia**, 4(1), 1800-1803, 2009. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/4047/3118>

TORRES, J. B.; SANTOS, L. B.; DANTAS, I. A. C.; SILVA, M. R. F.; LIMA, A. O.; BARROS, S. K. M.; SILVA, Z. C.; DANTAS, L. B. A. Projeto cisternas fertilizadas: um recorte sobre agroecologia, tecnologias sociais e gênero. **Revista Brazilian Journal of Development**, 6(2), 7814-7821, 2020. Doi: 10.34117/bjdv6n2-184

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. **Sobre o Vale do Jequitinhonha**. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/> > Acesso em: 12 abr. 2020

WHITEHEAD, D.; BEADLE, C. L. Physiological regulation of productivity and water use in Eucalyptus: a review. **Forest Ecology and Management**, 193: 113-140, 2004. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.foreco.2004.01.026>

ZHOURI, A (Org). **Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais**; Brasília: ABA, 2012.



ZHOURI, A.; TEIXEIRA, R. O. S. Paisagens Industriais e Desterritorialização de Populações Locais: conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos. *In.* Zhouri, A.; Siano, D. B. P.; Laschefski, K. (Org.). **A Insustentável Leveza da Política Ambiental:** desenvolvimento e conflitos socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ENDEREÇO DOS AUTORES

Kaíque Mesquita Cardoso

E-mail: kaique.cardoso@ifnmg.edu.br

Fabiano Rosa de Magalhães

E-mail: fabiano.magalhaes@ifnmg.edu.br

Aneuzimira Caldeira Souza

E-mail: aneuzimira.souza@ifnmg.edu.br

Paloma Silva Oliveira

E-mail: palomasilvoliveira@gmail.com